

Mestre Sérgio

José Guilherme Merquior

DE Sérgio Buarque de Holanda, que acaba de nos deixar à beira dos seus oitenta, conta Afonso Arinos (n'A Alma do Tempo) que impressionava os colegas de faculdade, no Rio dos anos vinte, pela "incessante curiosidade intelectual". Para mim, que só vim a conhecê-lo meio século mais tarde, no México, por obra e graça de um colóquio da Unesco, esse dinamismo do intelecto sergiano se decantava noutro aspecto, tipicamente modernista: a capacidade de assimilar e transmitir cultura como quem respira, isto é, com a mais absoluta e cativante naturalidade. Onde virá essa virtude, a leveza não leviana do saber, que nossos modernistas mais cultos — mais literariamente cultos, como Manuel Bandeira e Murilo Mendes, ou mais geralmente cultos, como Sérgio Buarque, Alceu Amoroso Lima, Gilberto Freyre ou Afonso Arinos — demonstram sem exhibir e irradiam sem inculcar?... Meu palpite é que ela diz com a condição do homem de letras, figura intelectual hoje arcaica, substituída que foi pela cultura setorializada (e tantas vezes pedantocrática) do intelectual universitário que ora todos somos.

Que o intelectual modernista levava a cultura a sério, mario-andradianamente a sério, prova-o a determinação com que Sérgio denunciou, no nosso passado, tantos estilos e ideologias como meras "superfetações" (a palavra é dele); artes postiças de uma civilização imatura e porque imatura, insegura do que fosse seu. Foi nessa busca de autenticidade que o jovem Sérgio, que revelara a seus colegas do Rio o futurismo de Apollinaire e cia, aderiu com entusiasmo à vanguarda modernista. Como Graça Aranha, ele se insurgiria contra as "anatolices e renasneiras", o ceticismo elegante, humanismo de estufa à Renan e Anatole France, que entre nós fazia as vezes do decadentismo europeu, de cujas zonas mais mórvidas nossas letras se mantiveram, no geral, a prudente distância... Mas Graça — a aranha sem graça, na pichação de Oswald de Andrade — era a própria ênfase; e como tal, encarnava um tom nada "moderno". Muitos anos depois, Pedro Dantas (Prudente de Moraes Neto), co-diretor, com Sérgio, da revista Estética (1924), escreveria que o propósito dos jovens turcos do modernismo carioca era cuidar da vida da estética contra a "estética da vida" título como se sabe, do ensaísmo mais metafísico do pobre Graça. No fundo, dá para perceber nas páginas memorialísticas de Sérgio que no Rio daquele tempo, mesmo ao sofrer a atração do "obje-

tivismo vitalista" do autor de Canaã, ele se identificava mais com um tipo intelectual bem diferente, encontrado no JORNAL DO BRASIL então dirigido pelo jovem Barbosa Lima Sobrinho: o do sábio João Ribeiro, germanista de estudo (e não de estalo, como Graça, discípulo de Tobias Barreto); e que simpatizava com os moços, mas não tentava usurpar sua revolução.

Arquivo/1980



Sérgio Buarque de Holanda

Mas o tempo corria, chegando rápido ao limiar dos anos de decisão — o decênio de trinta. Alceu Amoroso Lima, passando da crítica das formas à das idéias, escreve seu Adeus à Disponibilidade (1929) como carta aberta a Sérgio Buarque de Holanda. Sérgio recusa o proselitismo confessional de Alceu, assim como este recusara as etiquetas modernistas com que aquele o brindara. Negaças fecundas, de gente fiel a si mesma. O caminho de Alceu era a renovação do pensamento católico; o de Sérgio, a conversão do impulso antiestaticista do modernismo em reinterpretação do Brasil. Ao regressar, em 1931, da Alemanha de Weimar, onde passou "anos de aprendizagem" dos mais fecundos de toda a nossa história intelectual, Sérgio trazia na mala o esboço de uma alentada Teoria da América. Reduzido à obra-prima que se intitula Raízes do Brasil (1936), o livro historiciza e sociologiza — com enorme vantagem — o programa de autoconhecimento nacional de Paulo Prado e seus amigos modernistas. Os pares antitéticos estavam em moda em Teutônia mas Sérgio os aplica com felicíssima sagacidade a pintura das nossas origens e da nossa evo-

lução: aventura e trabalho, rural versus urbano, patrimonialismo e estado burocrático... No centro, a psicologia coletiva do "homem cordial", que não é (como o julgam os que falam do livro sem tê-lo lido) um "bom", e sim um especialista do "viver nos outros", incapaz daquilo que Nietzsche — citado por Sérgio — chamou de pathos da distância. Na conclusão, um pleito meio ambíguo por um liberalismo não formalista; em todo caso, uma repulsa expressa, às vésperas do Estado Novo, dos fascismos, por ele chamados de "contrarreformas".

Em Cobra de Vidro (1944), Sérgio, condenando a retórica arielista (do Ariel de Rodó), falaria do americanismo como de uma forma potencial de sociedade — a "sociedade de fronteira", livre e democrática — inscrita no destino de todo o continente. Seu querido Ranke observou certa vez que os europeus se sentiam mais próximos de Nova York ou Lima do que de Kiev. Para Sérgio, a América, como forma de vida e dinâmica histórica, também sobrepairava as distâncias geográficas; e nosso passado ibérico, no que lhe teve de contrário, não era nenhum resíduo sufocante. Dez anos depois, essa mesma rejeição crítica do antiamericanismo arielista culminaria no Bandeirantes e Pioneiros de Viana Moog. Visão do Paraíso (1959), o mais belo de seus textos eruditos, pai de vários estudos estrangeiros sobre o topos do Eldorado, mostraria que Sérgio, havendo, como Gilberto Freyre (mas sem o seu rico saudosismo), assumido e superado sem complexos a nossa herança, continuava a discriminar sutilmente dentro dela, separando com argúcia o gosto hispânico do fantástico do pedestre realismo lusitano.

De Monções (1945), de Caminhos e Fronteiras (1957) não direi palavra, porque não os li; mas sei que o último é o opus sergianum favorito de Evaldo Cabral de Melo, historiador de truz da minha geração. Mas que pensar dessas Tentativas de Mitologia (1979), finíssimo buquê de ensaios dos anos 40 e 50, em que historiador e crítico se alternam, sem que nenhum ceda ao outro em sapiência e sageza? Matéria para outro artigo, bastando aqui deixar constância do modo magistral com que Sérgio combinava historicismo (a lição de seus mestres alemães) e racionalismo crítico. Tudo isso, numa prosa obediente ao seu próprio "ideal de correntia clareza" — o estilo culto e lano de um grão-senhor da inteligência moderna.

José Guilherme Merquior e ensaísta, crítico e autor de vários livros.

Jornal do Brasil